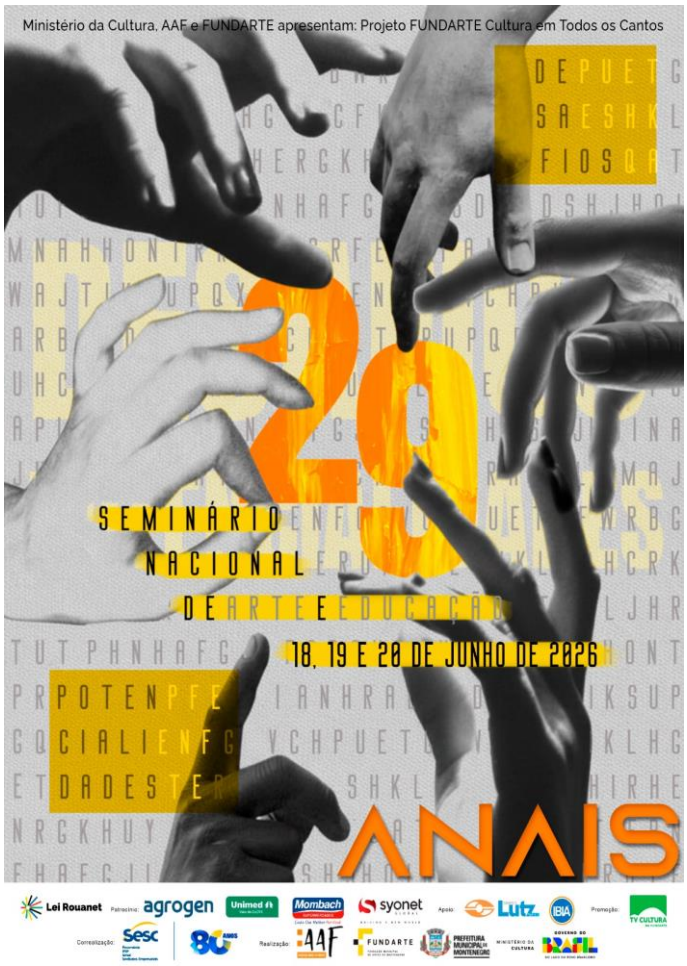


POÉTICAS E LINHAS DO CORPO: UMA CARTOGRAFIA DOS SABERES DO REISADO EM PERNAMBUCO, INSPIRADO NOS SABERES CORPÓREOS DE LEDA MARIA MARTINS

PESQUISA EM ANDAMENTO

Tecnologias e Sustentabilidade.

Gabriela Cipriano Guerra
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Caruaru/Pernambuco, Brasil

Mário de Faria Carvalho
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Caruaru/Pernambuco, Brasil

Maria Rita Barbosa Piancó Pavão
Universidade Federal de Pernambuco -UPE, campus Petrolina/Pernambuco, Brasil.

Eixo temático: Sustentabilidade

GUERRA, Gabriela Cipriano; CARVALHO, Mário de Faria; PAVÃO, Maria Rita Barbosa Piancó. POÉTICAS E LINHAS DO CORPO: UMA CARTOGRAFIA DOS SABERES DO REISADO EM PERNAMBUCO, INSPIRADO NOS SABERES CORPÓREOS DE LEDA MARIA MARTINS. **Anais...** 29º SEMINÁRIO NACIONAL DE ARTES E EDUCAÇÃO da FUNDARTE – ISSN 2359-6120. Editora da FUNDARTE: Montenegro, e1948, Ano 2026.

Resumo

Esta cartografia sentimental conduz movimentos educativos vividos e experimentados pelo corpo enquanto brincante do grupo de reisado Sementes de Luz. Foi realizada uma investigação poética-filosófica impulsionada pelo desejo costurado nas linhas do corpo. Nesse intento, foi elaborado mapas cartográficos subjetivos junto aos mestres e brincantes de reisado em Pernambuco. A fim de cartografar e salvaguardar os saberes do reisado em Pernambuco, foi elaborado diálogos através da 'Memória' como um recurso educativo. Esses diálogos serão refletidos a partir dos saberes elaborados e performados por Leda Maria Martins (2021) ao aprofundar a discussão sobre memória e reisado. É utilizada a abordagem teórico-metodológica da cartografia sentimental de Suely Rolnik (2016). Nessa cartografia, as linhas do corpo costuram som, memórias, cores e brilho.

Palavras-chave: reisado; memórias; Pernambuco.

1 INTRODUÇÃO: O QUE DIZ A ESTRELA DO ORIENTE SOBRE SI? ORIENTE-SE!

Os mapas subjetivos que compõem esta cartografia impactam as bases epistêmicas da educação estética, pois são espelhos dos cotidianos vivos. A cartografia com os mapas são os meus caminhos de resistência através do desejo. Segundo Rolnik (2011), o corpo é visto como mapa vivo que registra impressões sensoriais, traços de memória e pulsões. A partir dele, é possível ler dinâmicas de poder, identidades, afetos e práticas de cuidado. Ao mapear os desejos, a autora sugere caminhos para reivindicar autonomia, criar modos de vida que respeitem a singularidade e enfrentem normas que tentam regular o prazer.

O reisado é uma manifestação cultural, é um coletivo de pessoas que brincam, tocam, dançam. Através dos seus corpos festejam a cultura popular, celebram a fé popular. É um espetáculo da cultura popular, pois é um misto de expressão de teatro, música, dança, poesia que são elementos da arte. É uma brincadeira que tem uma origem muito antiga.

No passado, existiam vários grupos de reisados que moldaram e construíram a história do povo Agreste[1]. Hoje essa tradição vem se perdendo, seus saberes ficaram guardados com seus antepassados.

A Estrela Guia do Oriente é um elemento muito importante para o reisado. O 'mistério da estrela' consiste em retratar a narrativa originadora do reisado, a qual guiou os três reis magos até o local do nascimento de Jesus. O sinal luminoso guiou os três reis magos e indicou que o Salvador era Jesus; desde então, o dia de Reis é comemorado no dia 06 de janeiro, data em que a estrela apareceu no céu. Eis que a iluminação passa a dar sentido.

O reisado como expressão cultural emerge como uma manifestação enraizada na tradição local, desdobrando-se como um legado vivo que transcende a mera expressão artística, honrando a ancestralidade dos nossos saberes, fortalecidas e fortalecidos pelas músicas, danças, gestos, passos, instrumentos. Silva e Oliveira (2016) aludem que a educação, enquanto vivência estética, passa pela arte de experimentar outras formas de vida e de produção de outros sentidos e significados, para além dos já conhecidos e pertencentes ao seu trajeto de vida. Corpos biográficos são implicados para que se experimentem, olhando seus próprios trajetos e deixando-se atravessar por outros vetores, por outros movimentos e por outras subjetividades, ampliando seus repertórios. A subjetividade corporal ultrapassa a vontade intelectual de compreender e é via de acesso ao corpo biográfico.

Na intenção de preservar memórias, reativar histórias, sustentar identidades, sustentar a brincadeira foi criado o reisado Sementes de Luz. Assim, como nossos saberes junto aos saberes dos mestres e brincantes de reisado, como nossos mapas subjetivos impactam as bases epistêmicas da educação estética? ~ através da sensibilidade e do desejo~. Das cores e dos sons das memórias-corpo. As memórias sentidas e experimentadas dentro dos contextos culturais são potências formadoras e geradoras de vidas.

[1] Agreste é uma das três grandes regiões de Pernambuco. É uma zona de transição geográfica e cultural entre a Zona da mata e o Sertão, abrange 71 municípios, dentre eles o Município de Caruaru.

1.1 Reisado Sementes de Luz

O reisado perpassou por diversas influências culturais. É atravessado pela força da colonização, período em que o território hoje conhecido como Brasil ficou sob os domínios de Portugal. Assim, o reisado recebeu diversas influências europeias, principalmente advindas de Portugal, quando chega no território hoje denominado Brasil, ele recebe influências indígenas e africanas. Tem fortes influências religiosas. O reisado sofreu e ainda sofre alguns marcadores sociais negativos, seja racial ou de gênero. Mas é, acima de tudo uma manifestação cultural constituída de brilho, muito ritmo e cor.

A origem do reisado é contada principalmente na perspectiva mais ocidental. Segundo a tradição do calendário católico os festejos de reis começam um pouco antes do nascimento de Jesus, por conta dos Reis Magos, que foram atraídos pela Estrela do Oriente quando souberam do nascimento de Jesus. Os Reis Magos partiram de lugares distantes, guiados por meio de uma estrela para conhecer o ser que traria luz para a humanidade. Os reis presenteiam essa criança e a partir daí têm a missão de transmitir a boa nova desse nascimento, então saem em cortejo para assumir e transmitir tal missão, por isso diz-se que é um cortejo que não tem fim.

O reisado Sementes de Luz, cartografado nesse texto, é de reisado de congo. O reisado de congo é a conjugação e atualização dos mitos, histórias e lendas, tanto afro-ameríndios, quanto europeus, sagrados, reais e imaginários, presentificados no cortejo ritualístico e guerreiro dos brincantes. Sua tradição está relacionada também à guerra entre os mouros e os cristãos. A cor dos nossos cordões, vermelho e azul, remete justamente a isso. O cordão vermelho está relacionado aos mouros, já o cordão azul está ligado ao cristianismo. Além de trazer símbolos da guerra religiosa entre os mouros e cristãos, relata também personagens da monarquia como o rei, a rainha e o embaixador. Retrata, ainda, os símbolos do imaginário da região em que cada reisado surge. Retrata a onça, os pássaros, a burrinha, a sereia, as caboclas, as anciãs e os anciãos.

O reisado Sementes de Luz foi construído em nome e em memória de Marileide, conhecida por Zamba, moradora da cidade de Caruaru-PE. Ela era rezadeira e uma grande protetora da vida. O brinquedo, que é uma tradição rural, ancestral e cheia de alegria foi pensando para homenagear a honra dessa mulher, que hoje não está mais viva, vítima do descaso de uma sociedade que geralmente não cuida das suas cuidadoras. Para firmar essa promessa o mestre do reisado Sementes de Luz, Gabriel Bezerra, criou uma peça de reisado em sua homenagem:

"Mandei fazer o que meu coração deseja, botei nome de uma estrela nesse reisado de amor. (2x)

Ô Marileide teu nome santo e sagrado, prometo será guardado aonde quer que a gente for"(2x)"

O reisado Sementes de Luz tem aproximadamente 20 integrantes que buscam manter acesas as chamas do reisado. Tem o mestre popular, o Mestre Gabriel Bezerra Silva, que vive imerso em outros saberes populares e grupos de brinquedos dessa natureza e vem em um processo de estudo para ser base e ponte entre o brinquedo e as comunidades. Ele afirma que seu processo educativo e de formação se deu no próprio seio dos grupos de reisado que ele visitou e experimentou, lá é a sua verdadeira escola. Todos os grupos são considerados escolas vivas para ele. Os mestres passam o legado para suas famílias de forma geracional. As crianças já crescem envolvidas na tradição.

O grupo também é composto pela banda, por músicos empolgados e impulsionados pelo poder da brincadeira, que se dedicam e estudam os ritmos e batidas das peças de reisado. A banda geralmente traz dois vocais, uma ou duas violas, um triângulo, uma zabumba, um pandeiro, algumas poucas vezes uma sanfona e a rabeca que é um instrumento de resistência e que quase não aparece mais nos grupos de reisado. Em Pernambuco, por exemplo os grupos de reisado com os quais convivi já não tinham mais violeiro(a/e)s, sequer rabequeiro(a/e)s. O nosso mestre de reisado, algumas vezes deu suporte com

a sua viola aos outros grupos de reisado mais antigos. Essas práticas de resgate de tradição e compartilhamento de saberes tornam nosso grupo verdadeiro potenciador educacional e formador.

Temos os dois cordões, dos quais um eu faço parte. Nos cordões são executadas as belas e fortes pisadas, característica própria dos grupos de reisado. Além da dança, os componentes dos cordões são a segunda voz das peças, geralmente respondendo o que é dito pelo mestre de reisado. A sonoridade dos seus cantos junto às pisadas trazem uma performance e experiência encantadora para o público que assiste e participa.

Temos os personagens ou figuras, também chamados de entremeios, que compõem as apresentações fazendo participações e abrilhantando as performances. As nossas figuras são a onça, as borboletas, que geralmente são crianças. O véi e a veia, personagens marcantes e envolventes do nosso grupo que trazem a magia e espiritualidade da brincadeira. Temos a cabocla, a burrinha, a sereia, a rainha e a princesa. Temos o zabelê, pássaro brincalhão, e também o boi. Além disso, temos o Mateo, aquele que chama a brincadeira, anima o público; quem brinca com esse personagem precisa estar atento ao movimento do grupo e aos arredores, buscando proteger os brincantes e quem estiver ao redor. O Mateo vem como um personagem brincalhão, caracterizado como um palhaço que anima as pessoas, mas também guarda o brinquedo. Todos esses personagens e elementos deixam vivas e iluminadas as apresentações. Todos emanam uma energia e paixão.

O reisado Sementes de Luz, nasceu da necessidade em meio à falta de representatividade cultural acerca do assunto de reis. Um grupo de jovens, mesmo que não estejam diretamente ligados pelo sangue, juntam-se na intenção de resgate, de valorização, em honra de uma memória, na promoção de uma identidade cultural, por intermédio de práticas educativas como as exposições de seu brincar em escolas, instituições não formais e formais e até pelas ruas da cidade e das cidades vizinhas. Traz nostalgia para quem viu e presenciou, em tempos passados, principalmente em zonas rurais, o brincar de reis e a sua representatividade histórica e espiritual.

GUERRA, Gabriela Cipriano; CARVALHO, Mário de Faria; PAVÃO, Maria Rita Barbosa Piancó. POÉTICAS E LINHAS DO CORPO: UMA CARTOGRAFIA DOS SABERES DO REISADO EM PERNAMBUCO, INSPIRADO NOS SABERES CORPÓREOS DE LEDA MARIA MARTINS. **Anais...** 29º SEMINÁRIO NACIONAL DE ARTES E EDUCAÇÃO da FUNDARTE – ISSN 2359-6120. Editora da FUNDARTE: Montenegro, e1948, Ano 2026.

Portanto, nós estamos vivenciando a brincadeira de forma visceral. Em busca da identidade do nosso território, da nossa identidade estética, cultural, ancestral, musical. A identidade cultural vem aparecer nesse resgate da história, que envolve o espiritual, o religioso do brinquedo popular. Vem aparecer pelas vivências com as comunidades e seus anciãos e anciãs. No nosso grupo de reisado existe alguns arte-educadores, todos eles são da escola do campo. É mister lembrar que eles utilizam o brinquedo para fomentar a memória da comunidade, utilizam o brinquedo como formas diversas do educar, utilizam o brinquedo no seu lugar de base, no lugar de onde vem a história e a memória dos reisados em Pernambuco.

O reisado Sementes de Luz amplia essa compreensão ao se constituir como espaço de comunidade, pertencimento, produção cultural e educativa, onde o saber é construído de forma sensível, ética e territorializada. Ele ensina a partir das experiências coletivas. Reisado é plantio e colheita.

O reisado Sementes de Luz é um grupo em amadurecimento e, como todo coletivo, enfrenta algumas dificuldades. O grupo não vem de uma linhagem familiar como a maioria dos grupos de reisado, não há o contexto de família de fato. Os contextos familiares facilitam o processo de continuidade do reisado, pois os saberes e ensinamentos são formados e passados por gerações, de mães/pais para filhos(as) e assim sucessivamente, de forma oral. O que dificulta o nosso acesso aos saberes, uma vez que não há tantos registros escritos. Por isso, é tão importante cartografar os saberes do reisado, pois apenas de forma tão imersiva e genuína se é capaz de captar a essência das raízes desse brinquedo popular.

Para além desse fato, é difícil para o grupo passar muito tempo em conjunto. Geralmente esses momentos ocorrem quando se precisa de ensaios ou quando há alguma apresentação. Com as vivências reduzidas e o financiamento baixo, a prática educativa desse grupo encontra mais barreiras para sua perpetuação.

No entanto, tivemos a oportunidade de aprovar um projeto de incentivo público, o Intercâmbio dos Saberes, que possibilitou uma formação para o grupo. Além

disso, outros eventos proporcionados nos terreiros de nossas famílias, como o momento idealizado por mim para acontecer no terreiro da minha avó, proporcionaram experiências duradouras, sensíveis e formativas, capazes de experimentarmos no corpo e pelo corpo as bases do reisado da nossa região. Tais experiências serão relatadas em momento mais oportuno desta cartografia.

O reisado Sementes de Luz se configura como um espaço de resistência cultural, preservação da memória coletiva e valorização dos saberes populares. Em um contexto marcado pela invisibilidade das manifestações culturais tradicionais, o reisado Sementes de Luz assume um papel social relevante ao fortalecer vínculos comunitários, contribuindo para a formação social e cultural dos indivíduos que dele participam e apreciam.

2 METODOLOGIA: CORPO-FOLHA ~ E ALGUMAS MEMÓRIAS

Pensar o corpo-folha, é pensar as possibilidades que um corpo possui, é pensar as linhas que o formam, é sentir o traçado das folhas e imaginar os traçados corpóreos. As linhas do corpo. Tal pensamento encontra relação com as ramificações do conceito de ‘rizoma’ elaborado por Gilles Deleuze e Félix Guattari no livro Mil Platôs (1980), rizoma é uma metáfora retirada da botânica para pensar estruturas de pensamento, conhecimento, sociedade e subjetividade de forma não linear, múltipla e descentralizada.

Na botânica, o rizoma é um tipo de caule subterrâneo que cresce horizontalmente. Ele não tem um centro fixo, pode brotar em vários pontos e continua crescendo mesmo se uma parte for cortada. Deleuze e Guattari usam essa imagem para propor um modelo de pensamento diferente da imagem de uma árvore, que é hierárquico, binário e linear, com um tronco central, raízes e ramos derivado.

O rizoma é um conceito que desafia a lógica da racionalidade científica. Ele propõe uma forma de pensar e existir em rede, em constante transformação, sem início, meio ou fim definidos. É um pensamento mais aberto, fluido e

libertador, qualquer ponto de um rizoma pode se conectar a qualquer outro. O rizoma não é feito de unidades fixas, mas de dimensões que mudam constantemente.

Assim, as linhas do rizoma constroem mapas abertos e mutáveis, não reproduzem modelos fixos ou padrões, tal qual as linhas do corpo. Nessa perspectiva se forma a cartografia, aberta, descentralizada e conectiva, um espaço vivo, cheio de possibilidades infinitas. Espaço de experimentação, de criação.

A intenção corpo-folha abre caminhos, cresce pelas frestas, conecta o que parece separado e transforma em um campo vivo, múltiplo e em constante mutação. Assim é as linhas do corpo, como um rizoma, cheio de possibilidades.

Ser cartógrafo é estar atento aos movimentos assumidos e conduzidos pelo desejo. O desejo, segundo Rolnik (2016) é como uma força vibrátil. Segundo a autora, o desejo organiza modos de vida, é como uma força produtiva, direcionada para criar, para reforçar afetividades e vínculos, para transformar a vida cotidiana. O desejo se faz no corpo, através das pulsações, das sensações, através das suas vibrações, através do corpo vibrátil.

O campo a ser cartografado neste projeto de pesquisa será o grupo Reisado Sementes de Luz, da cidade de Caruaru, com vistas a acompanhar os fluxos e linhas que constituem a transmissão dos seus saberes, a necessidade do manutenção de uma tradição cultural e, sobretudo, como forma de pensar o referido movimento em sua imbricação com epistemes que podem contribuir para pensar os cânones da formação estética do ser. Buscamos, com o apoio da cartografia, refletir a necessidade de valorização da tradição e de sua ancestralidade, compreendo a memória e as práticas-de-vida na constituição do coletivo cultural educador e criativo.

O mapa cartográfico que lançaremos mão envolverá o acompanhamento de percursos, a conexão de redes, que se dá a quem experimenta e propõe encontros para tais acontecimentos. O caminho cartográfico propõe, portanto, movimentos de territorialização, desterritorialização, nos territórios culturais

esquecidos, e busca-se suscitá-los através dos seus próprios saberes, narrativas e subjetividades (Rolnik, 1996).

Apresenta-se a seguir, as dimensões teórico-metodológicas e os contornos que orientarão o caminho-pesquisa. As reflexões traçadas teoricamente até aqui procuram reivindicar outras formas de saber; além de valorizar a vitalidade dos fenômenos culturais que se perdem na racionalidade científica. A cartografia surge na contramão do referido paradigma cientificista. É uma proposta metodológica que intenta traçar as linhas do que está em processo, do processo em si.

Na reversão dos termos, se propõe hódos-meta, diretriz que orienta o caminhar (Passos; Barros, 2009), experiência afetiva do contato e da aproximação. Nela não são formulados traçados metodológicos que assumem o papel de parâmetros de validação; sabe-se que o conhecimento em produção vale por si mesmo, por estar inscrito nos processos de subjetivação nos quais também se envolve. Os saberes produzidos derivam, justamente, das transformações provocadas ao nível das subjetividades, no fazer junto, no corpo, incapazes de gerar resultados porque só existem em movimento. Nas múltiplas direções, plano modifica-se constantemente. A transversalidade da cartografia é bem-vinda à presente proposta de investigação por sugerir o possibilitar estar atento a todos os atravessamentos que criam efeitos-subjetividade, pois o saber reside justamente neles (Pavão; Cardoso; Carvalho, 2023).

Assim, os contornos cartográficos que orientarão o olhar e as vibrações desta investigação seguirão a partir de três dimensões: a fabulação da dimensão estético-sensível da Memória. Nesta dimensão, a partir da poiésis experienciada no fazer-saber de mestres de reisado, será evidenciada a Memória como recurso educativo ~ memórias que dançam, memórias que brincam~. Assim será possível, ampliar a episte dentro do campo da educação através dos elementos do reisado. O contato com os mestres acontecerá através do grupo de reisado Sementes de Luz.

A segunda dimensão partirá da: produção de subjetividades e cultura popular. A referida dimensão será orientada para a construção de mapas cartográficos no

interior dos grupos de reisado, e em especial dentro do grupo de reisado Sementes de Luz através das reverberações que o fazer-saber cultural destes mestres da cultura popular suscita no encontro com diferentes sujeitos. Trata-se, pois, da proposta de relacionar no bojo de discussões sobre educação estética e cultura popular, o devir subjetivo da estetização da vida que provoca o fazer educacional.

A terceira dimensão partirá dos: atravessamentos corpóreos da experiência estética. O último plano da investigação ora apresentada é orientado a pensar o reisado e como o corpo torna-se um importante elemento mediador à formação estética. O reisado é pensado na intenção de cartografar a dimensão experiencial e a intersecção entre a materialidade da estética, da arte e da cultura. Portanto, os três eixos que compõem o quadro de investigação são pensados a partir de exemplificações sensíveis da memória, subjetivas e corpóreas, para construção dos mapas desse caminho-pesquisa.

Em sentido amplo, a concepção metodológica a ser seguida neste estudo significará não uma mera descrição e explicação dos universos em questão, mas uma forma de conectar experiências que possibilitam ampliar o campo teórico à produção de saberes outros, perspectivas que potencializam a fluidez das linhas.

A cartografia deverá ser feita em conjunto, em um emaranhado rizomático das enervações sensíveis, em devir, na arte em vida. Assim, a cartografia envolverá as narrativas de mestres e mestras, de pessoas do passado que vivenciavam as manifestações do reisado, além deles familiares e pessoas que ainda estão relacionadas a essas práticas culturais. Será utilizado diálogos e conversas enquanto pistas (Passos, Kastrup, Escóssia, 2009), pois essa tradição e ensinamentos se desenvolvem no cotidiano, em meio as suas singularidades, na vida trivial dos(as) integrantes. Com a realização do presente caminho-pesquisa buscamos cartografar experiências culturais que, no contexto do estado de Pernambuco, são singulares quando se trata da valorização de fazeres ancestrais e para a aproximação da educação formal com o cotidiano.

As narrativas serão acessadas a partir de diferentes ordens de caminhos metodológicos, postos ao serviço da cartografia. Para além dos diálogos e registros, será feita a realização de entrevistas narrativas para a constituição de fontes orais. A experiência oralizada se manifesta na forma de memória-trabalho (Bosi, 2009), de rememoração produtiva que combina o vivido e o concebido pelas entrevistadas (Alberti, 2004, 2008).

Nesse intento, buscamos identificar dentro do reisado as forças que vibram, as forças de subjetivação, tanto aquelas forças que fixam e paralisam quanto aquelas que movimentam e transformam. Desejamos relacionar essas forças com o tempo e com as memórias, pois o reisado inventa outros sentidos, outros afetos, outras possibilidades de mundos, outros saberes, outras cores e sabores. O reisado é como pulsão de criação de mundos, é o potencial da vida em expansão.

2.2 O que guarda as memórias?

Para guiar e conduzir esse tópico, utilizamos as reflexões e ensinamentos de Benjamin (1985). Em sua profundidade, o autor reflete e deposita a sua preocupação sobre a crise da sabedoria na modernidade, advinda, dentre algumas causas, da baixa transmissão da experiência, da perda da tradição coletiva, da falta de um narrador, aquele que ele reconhece como alguém que compartilha experiências de vida. A perda do valor da narrativa oral impacta diretamente nos conselhos, nos ensinamentos, na sabedoria prática e, sobretudo, na memória coletiva.

Para Benjamin (1985) a experiência verdadeira é algo acumulado ao longo do tempo e compartilhado coletivamente. Ela envolve memória, tradição, escuta, narrativa, sabedoria prática. A experiência verdadeira é transmitida de pessoa para pessoa, especialmente através das histórias e dos conselhos.

Antes, as experiências difíceis podiam gerar ensinamentos. Em tempos presente, com os acontecimentos modernos, por serem tão violentos e fragmentados eles não são fáceis de assimilação. Frente as subjetividades

produzidas no contexto pós-moderno, tal diagnóstico segue operante e o indivíduo pós-moderno vive cercado de estímulos, mas sem profundidade. Nesse sentido, desde a modernidade vivenciamos a perda da memória coletiva, a perda das experiências, a perda da força de uma narrativa, segundo Benjamin (1985), que afirma: dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça.

Jorge Larrosa (2015) retoma a importância das narrações e endossa suas ideias comentando que pensar não é somente “raciocinar”, “calcular” ou “argumentar”, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas sobretudo, dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. Para ele, o sentido ou o sem sentido, é algo que tem a ver com as palavras. É preciso vivência e experiência para se costurar uma narração.

Em uma encruzilhada, em uma contramão, como em um meandro de rio, Maffesoli (1996) critica a modernidade racionalista e propõe a noção de *homo estheticus*, o ser humano entendido não apenas como racional ou produtor, mas como um ser essencialmente sensível, emocional e estético. Para ele, na pós-modernidade, há um retorno do sensível, das emoções, das aparências e do corpo como formas legítimas de conhecimento e de organização social.

Maffesoli (1996) endossa as ideias de Benjamin, ao afirmar que a modernidade reduziu a complexidade da vida social à lógica. O imaginário coletivo e as experiências sensíveis foram ignoradas. O autor também destaca o papel das experiências compartilhadas. O retorno às formas de vida coletiva baseadas na sensibilidade, a partilha de experiências, os vínculos afetivos. Assim, compreendo que tais premissas seriam capazes de sanar a pobreza de experiência citada por Benjamin (1985). Resgatar o potencial narrador dos indivíduos, manter viva os saberes da memória coletiva, manter viva a chama da vida que une as pessoas.

A narrativa depende da memória coletiva. O narrador conserva histórias, transmite tradições, conecta passado e presente, compartilha sabedoria, oferece conselhos, mantém viva a memória coletiva. Essa seria a narrativa tradicional, pois nasce da convivência humana e da experiência acumulada ao

longo do tempo. O narrador verdadeiro fala a partir da vida vivida. A narrativa transmite experiência. Portanto, essa experiência é coletiva, amadurece com o tempo (Benjamin, 1985). O ato de narrador é por excelência do “homo estheticus”, pois narrar traz sentidos, reflexões, ensinamentos de uma vida vivida, experimentada pelo corpo. É por isso que tais vivências partilhadas permanecem vivas, por isso fazem parte da memória coletiva. Benjamin considera que a modernidade enfraquece essa memória porque tudo se torna rápido, fragmentado.

Nas suas reflexões, Benjamin (1985) demonstra que os artesãos ensinavam através dos exemplos, a tradição era transmitida oralmente. Nesse sentido, para ele, narrar é como um trabalho artesanal; assim como o artesão molda um objeto com as mãos, o narrador molda a experiência com palavras. Portanto, a narrativa tradicional exige tempo, paciência, repetição, convivência humana. A narrativa tradicional transmite sabedoria coletiva.

Benjamin (1985) idealiza a figura do “novo bárbaro”, indivíduo moderno que cria algo a partir das ruínas culturais. Os artistas são considerados “novos bárbaros”, pois podem inventar novas formas culturais. Acredito que a memória, com a sua chama viva escreve e rescreve, narra e reencena experiências, ensinamentos que podem ser reinventados ou narrados novamente. Os saberes do reisado por exemplo, são reacendidos e revividos cada vez que a chama da memória é acessa acima das ruínas culturais.

Memória é vida acontecendo, é sabedoria, é partilha, é coletivo. É preciso experiência, pé no chão, ouvido atento, boca aberta, corpo ouriçado, sangue pulsando na veia. É preciso círculo de rodas composto por pessoas sentindo, sorrindo, cantando, em procissão. Em movimento, em comunhão. A memória guarda sentidos, saberes, resistências, força, coragem e continuidade. Guarda alegria e união, celebração.

2.3 O que as memórias revelam?

Memória é vida acontecendo, é sabedoria, é partilha, é coletivo. Nas palavras de Leda Maria Martins (2021) nos conhecimentos culturais incorporados, saberes de várias ordens se manifestam, sejam eles de natureza filosófica, estética, técnica, entre outros; quer nos mais notáveis eventos socioculturais, quer nas mínimas e invisíveis ações do cotidiano.

As memórias podem ser individuais, coletivas, diversas, sonoras, coloridas e principalmente mutáveis ao decorrer dos corpos. Podem ser, também, a expressão do corpo dos brincantes e, assim, carregam um passado que se torna vivo no presente. Na data desta escrita em curso ~30 de maio de 2026~ o grupo de reisado Sementes de Luz não está mais em atuação. Mas ele permanece vivo através das memórias grafadas nessas palavras. Ele permanece vivo através das memórias emanadas pelos sons do corpo. Do corpo que viveu, compartilhou e experenciou as brincadeiras e os saberes do reisado com outros mestres e brincantes.

Será utilizado a memória como recurso educativo, pois ela é local de inscrição de um conhecimento que se grafa no corpo nas suas diversas formas de expressão. Nos ensinamentos de Leda Maria Martins (2021), o acontecimento corporificado inclui as experiências individuais e coletivas, a memória pessoal e a memória histórico-social. O corpo encena memórias. Para a autora, a memória vive no corpo, na voz, na dança, no canto, no ritmo dos tambores e nos rituais coletivos.

Leda (2021) elaborou o conceito da ‘Oralitura’, o termo une oralidade e literatura para explicar que a palavra falada, performada e ritualizada também produz conhecimento e memória. A Oralitura é uma escrita do corpo e da voz. Assim, os cantos, os gestos, as coreografias, os tambores e as cerimônias funcionam como memórias vivas que carregam saberes ancestrais.

O corpo em performance torna-se uma memória cultural. Os congadeiros, participantes e devotos do Congado ou Congada, uma das manifestações culturais e religiosas mais tradicionais do Brasil, preservam a memória

ancestral e espiritual por meio da repetição ritual (Martins, 2021). Cada canto entoado, cada dança executada e cada toque de tambor guarda a presença dos antepassados africanos.

Essas práticas culturais funcionam como verdadeiros sistemas de conhecimento (Martins, 2021). Os líderes dos congados, os reis, rainhas, capitães e mestres, ocupam o lugar de guardiões da memória ancestral. Eles transmitem ensinamentos éticos, espirituais e históricos às novas gerações através da performance ritual.

Assim também acontece nos grupos de reisado, manifestação cultural que tanto se assemelha às Congadas, pois guarda seus ensinamentos e memórias através dos sons, dos ritmos, dos passos, dos adereços nos corpos dos seus brincantes e mestres. O corpo guarda marcas da história coletiva. Portanto, a Oralitura de Leda é uma manifestação da memória ancestral.

Leda Maria Martins (2021) também elaborou o conceito de 'corpo-tela' para falar que o corpo é *corpus* cultural, ambiente privilegiado de inúmeras poéticas entrelaçadas no fazer estético.

Ao tomar emprestado os ensinamentos de Leda e relacionar ao corpo-som que são os grupos de reisados, observamos que a memória informa e constitui o que é o reisado, o que carrega essa manifestação cultural. Os signos, os símbolos, as cores e os sons do reisado são expressões das memórias, elas ensinam e eternizam os saberes; envolvem os indivíduos pelos afetos e sensibilidades. Leda Maria Martins (2021) nos diz: o que no corpo e na voz se repete é também uma episteme.

A performance do reisado conecta corpos, memórias e ancestralidade. As memórias sentidas e experimentadas dentro dos contextos culturais são potências formadoras e geradoras de vidas. Assim, as memórias guardam sentidos, saberes, resistências, força, coragem e continuidade.

3- SONS DE UM CORPO-TELA

3.1 O som do corpo de Leda Maria Martins

Na infância, Leda Maria Martins foi acometida por uma misteriosa doença. Durante meses, ela lutou entre a vida e a morte. Desacreditada pelos médicos, sua mãe, Dona Alzira, fez uma promessa à Nossa Senhora do Rosário. Se a filha se curasse, ela levaria a menina para ser princesa Conga em um Reinado. A partir desse milagre concedido, mãe e filha iniciaram uma intensa vivência e participação no Reinado de Nossa Senhora do Rosário do Jatobá.

O Reinado é uma manifestação religiosa e cultural, atravessada por ritmos, percussões, cantos, gestos, performances e vocalidades que evocam o passado do povo negro e sua travessia marítima até chegar ao Brasil. Leda Maria Martins foi princesa conga durante uma década. Em 2005, foi coroada Rainha de Nossa Senhora das Mercês, cargo de ocupa desde então.

Leda nos ensina que nos conhecimentos culturais incorporados, saberes de várias ordens se manifestam, sejam eles de natureza filosófica, estética, técnica, entre outros; quer nos mais notáveis eventos socioculturais, quer nas mínimas e invisíveis ações do cotidiano (Leda Maria, 2021). No corpo feminino e negro de Leda, no corpo-letra da sua escrita fica evidente a sua poética.

A autora também enfatiza que a palavra se realiza no corpo. Ela não existe apenas como texto escrito, mas como ação performática. Em manifestações culturais afro-brasileiras, como congados, rituais e cantos, a palavra ganha sentido completo quando é dita, cantada ou encenada (2021). Isso significa que o corpo é um espaço vivo de saberes; a memória não está só nos livros, nos arquivos, mas nas práticas culturais; a linguagem envolve movimento, musicalidade e experiência sensorial. Assim, a palavra não está separada do corpo, ela é gesto, ritmo, som e presença.

Pulsação rítmica, silhuetas desdobráveis. São possibilidades onde a memória encontra lugar para manifestação. O corpo se transveste em letra, em movimento e em produção de saberes. O corpo torna-se um espaço

reinaugurado por ele mesmo. Assim, se moldam as linhas do corpo, assim se moldam os corpos dos mestres e brincantes de reisado, na construção de saberes culturais, sejam de natureza filosófica, estética, acadêmica, subjetivas, entre outras.

Leda traz a importância da palavra proferida, a importância dos cantos, a capacidade de escutar as imagens. Ela aborda o corpo como uma tela, e assim pensa o corpo também como um texto. Um texto capaz de se expressar de diferentes formas.

As peças de reisado cantadas ainda hoje pelos mestres e brincantes de reisado tem o poder de reencenar o mundo, de criar possibilidades, de produzir saberes outros, de transformar subjetividades. Estes saberes que são guardados nas memórias e experienciados nas linhas dos corpos que estão abertos ao movimento. Abertas também, ao próprio movimento-dança que é o reisado. Dançar com o reisado é aprender sobre nosso passado, sobre o povo agreste. Aprender através das sensibilidades. Aprender com as linhas do corpo.

Outro conceito da Leda Maria Martins é do ‘corpo-tela’, o corpo como imagem. O corpo-tela é lugar e ambiente de inscrição de grafias do conhecimento, dispositivo e condutor, portal e teia de memória individual e coletiva. O acontecimento corporificado inclui as experiências individuais e coletivas, a memória pessoal e a memória histórico-social.

Essa estética de adereços não aponta simplesmente para uma ênfase na ilustração ou no enfeite decorativo. As vestimentas e indumentárias, o desenho dos cabelos, as inscrições e os adornos, o uso de diversos adereços, os arranjos cromáticos, os jogos de policromias e de luminosidades constituintes das gravuras corporais compõem códigos estéticos com forte intensidade e simbolismo culturais (Leda, 2021). Assim, se faz o corpo coletivo que é o reisado, assim é, a memória guardada dos mestres, assim é, a memória performada dos brincantes atuais de reisado.

O corpo de adereços é uma derivação do corpo-tela, um corpo imagem que é película, fundo e volume, um corpo de inputs e outputs digitalizando seu

ambiente e suas espacialidades, prenhe de múltiplos sentidos e possibilidades de composição do acontecimento (Leda, 2021).

3.2 O som dos corpos dos brincantes

As linhas do corpo costuram som, memórias, cores, brilho. Essas composições dançam saberes, transformam-se em espirais capazes de atravessar os limites da temporalidade. Leda Maria Martins idealiza o tempo espiralar (2021), é o tempo não linear. A palavra, nesses contextos, ativa um tempo em que passado e presente coexistem. Nesse sentindo, as linguagens expressadas e performadas pelo corpo ganham vida rizomática, sem começo meio ou fim.

Quando uma palavra ancestral é pronunciada, ela reatualiza experiências antigas no presente, mantendo-as vivas. A palavra ancestral cria e atualiza vidas, a palavra ancestral dá significado as experiências, ela é em si, a própria experiência. Ela enquanto memória elabora conhecimentos.

É nesse momento que o som dos corpos dos brincantes entra em cena. Eles são capazes de criar e transmitir memórias, de narrar vivências e experiencias; emanar vibrações emocionais. No ensaio “Experiência e Pobreza”, Benjamin (1985) reflete sobre a crise da experiência humana na modernidade, especialmente após a Primeira Guerra Mundial. Afirma que as pessoas modernas parecem ser incapazes de transmitir sabedoria, memória e sentido às novas gerações.

No entanto, as linhas do corpo dos mestres e brincantes de reisado entram nessa contramão, apresentam-se como possibilidades frente as ruínas culturais; criam novas formas de existência. A vida é um fenômeno estético. Só pela criação da aparência artística podemos dar sentido à existência.

Nesse sentido, o reisado através da sua potência viva, através do seu corpo vivo espelhados pelos brilhos das indumentarias, das espadas, dos maracas, das peças musicais, dos sons das pisas, dos corpos suados que transmitem os movimentos e contagiam o ar que passa, transformam as bases epistêmicas da educação estética, pois são espelhos dos cotidianos vivos.

Suely (2016) mostra que é através desse corpo vibrátil, ou seja, através do corpo que sente, que pulsa, que compreendemos que a nossa capacidade de sentir o mundo vai além da visão e da cognição. Não se trata apenas de perceber racionalmente o mundo e a vida, mas de ser atravessado por eles, pelas sensibilidades.

O corpo vibrátil é o corpo cheio de intensidade, é o corpo que permite movimentos, que vibra possibilidades. Portanto, é esse corpo que experimenta que cria a arte, que cria a vida. Corpo é como um território, um território singular e múltiplo ao mesmo tempo, constituído no social. O corpo não é apenas matéria física, mas um espaço carregado de impressões, memórias, pulsões e experiências. Ele registra desejos. Esse é o corpo coletivo.

O reisado é um corpo coletivo por excelência, porque se fez em comunidades, em terreiros. Os toques, as performances dos reisados emitem um som que ecoam nas memórias e permanece vivo presente nos corpos dos brincantes de reisado, nos corpos dos seus mestres. É preciso corpo aberto para sentir e ouvir esses embalos, é preciso viver e experienciar para compreender esses saberes, é preciso se apropriar das linhas do corpo.

No projeto “Entre reis, rainhas e encruzilhadas - Intercâmbio/formação” foi possível sentir de perto tais magias. O projeto tinha como intenção fortalecer e difundir a tradição de reisado. Ele foi realizado com apoio e incentivo do Edital Bolsa Brincadeiras da PNAB Estadual do Governo de Pernambuco, e executado pelo grupo de reisado Sementes de Luz, de Caruaru-PE.

No dia 2 de fevereiro, aconteceu a primeira formação do projeto. Fomos recepcionados pelo grupo de tradição e família do reisado do Mestre João Tibúrcio, no sítio Buraco d'Água, em Garanhuns. Conhecedor de passos, giros e entremeios antigos. Mestre João também é responsável pelo cuidado com os trajes, mantos e capacetes da brincadeira. Ele compreende a importância dos trajes, dos passos, dos símbolos, pois fazem do que é o reisado, contam uma história e memória. É através dessa história narrada que os sentidos, os sentimentos e a tradição do povo são passados de geração através das memórias compartilhadas.

Mestre João, é um verdadeiro patrimônio vivo do Agreste pernambucano. Foi um dia de muita troca cultural e aprendizado, ouvindo histórias sobre o reisado. As histórias foram contadas por ele; por dona Maria, a criadora dos trajes do grupo; por sua filha Veridiana, a Rainha que brinca desde criança; e por seu filho Joveliano, o atual enfrentante do grupo de reisado, uma vez que seu pai, João Tibúrcio, se encontra mais velho e cansado.

Mestre João, foi o fundador do seu grupo de reisado, ele quem apresentou para a família os diversos saberes desse brinquedo. A tradição de reisado começou em sua família em 1960, com Tibúrcio Caetano, pai de João Tibúrcio. Depois de uma pausa, João e seu irmão Luís retomaram em 1987. Em 1990, Joveliano assumiu o lugar do tio e, até hoje, segue ao lado do pai e de sua irmã Veridiana, mantendo essa história viva.

A relação de João Tiburcio com o reisado foi através da família. Seu filho afirma que geralmente era vivenciado a tradição do reisado nos períodos das suas apresentações entre novembro a janeiro.

No dia 2 de fevereiro, na primeira ação do projeto no sítio Buraco d'água, também tivemos uma oficina especial com mestre Joveliano, onde aprendemos como esta família mantem viva a confecção dos capacetes. Foi um momento importante de aprendizado e troca, compartilhando o feitio desse acessório tão importante dentro da tradição de reisado. Mais do que um objeto, cada capacete carrega a manutenção de uma pedagogia brincante e a multiplicidade de saberes presentes dentro do universo da cultura popular.

Outro momento marcante da nossa primeira ação, foi prestigiar o reisado do Mestre João Tibúrcio. O grupo nos mostrou todo o rito como se fazia nos antigos reisados. Iniciaram cantando a 'abrição de porta', que é o momento que exemplifica a visitação do reisado às casas da comunidade. O reisado costumava sair em cortejo passando pelas casas, quando iria parar em frente a uma delas fazia o ritual de 'abrição de porta', para pedir licença para adentrar, brincar e celebrar aquelas pessoas.

Ainda, nesse ritual de licença e apresentação, os brincantes de reisado encenam a 'parte do Divino', que é uma louvação, um canto para saudar a

espiritualidade e pedir bençãos para os moradores daquela casa. Depois, o grupo de reisado do Mestre João Tibúrcio saiu para o terreiro da família para brincar as peças de sala, e colocou o entremeio do Cavalo Marinho. Essa família é uma verdadeira escola de uma tradição viva que encanta e ensina. Foi uma honra assistir e aprender com eles. Um grande aprendizado foi se inscrevendo nos corpos dos integrantes de reisado Sementes de Luz ao ouvir e acompanhar as narrativas sobre o reisado no passado de Pernambuco.

Outra vivência que balançou as linhas do corpo e ventou saberes foi no dia 22 de março de 2025. O reisado Sementes de luz esteve presente na festa de tradição de São José, a festa acontece no bioma protegido de mata atlântica, na reserva Ecológica da Serra dos Cavalos, no sítio Araçá em Caruaru-PE, no terreiro da mestra Ângela a primeira mulher chefe de Batalhão de bacamarte do 1º Batalhão 27. Foi uma honra e uma felicidade sem tamanho brincar no mesmo sítio Araçá onde já existiu reisado.

Há décadas a comunidade não via um reisado, crianças não sabem da sua existência e importância, isso compromete com a memória dos seus antepassados, com a falta de conhecimento da sua história, das suas tradições. Neste dia, o reisado brincou em memória do mestre Mané Arthur; do mestre Juva, antigo violeiro e avô de nossa atual violeira do grupo, Beatriz; e em homenagem ao mestre Moisés, Zé Pedrim, o último violeiro que se encantou no ano de 2024.

Foi um momento de muita comoção e alegria, principalmente para os mais velhos. Relembrar seu passado, suas brincadeiras, suas vivências. Conversar com os antigos ali presente, sobre a brincadeira do reisado no passado e sua ausência hoje, foi uma inspiração. Enquanto nos apresentávamos fomos embalados por sorrisos e olhos vibrantes, atentos. Suas bocas cantavam junto nossas peças, seus pés seguiam os embalos dos nossos passos. Nos apresentar para um público que vivenciou reisado foi encantador, os arrepios acompanhavam nossos corpos.

A falta de reisado por lá é devido sobretudo a não continuidade dos mais jovens, pois muitos estão envolvidos com o alcoolismo. É preciso contar, narrar,

cantar, dançar a memória do reisado para manter as suas tradições vivas; para salvar e iluminar a vida das pessoas; para elas encontrarem espaços para desenvolverem e aprenderem sobre as linhas dos seus corpos.

Outra vivência do projeto 'Entre Reis, Rainhas e Encruzilhadas' aconteceu no dia 30 de março de 2025. O encontro ocorreu no sítio Cruz/Mochila, Garanhuns-PE. Aconteceu no terreiro do mestre Luan do reisado Estrela do Divino. Foi um acontecimento histórico, um momento de encontro de reisados que celebrou a continuidade, a juventude, a biocultura e o retorno da tradição cosmo-agrícola do reisado aos sítios, lugar onde tudo se originou.

No primeiro momento pela manhã, fizemos uma roda de conversa com antigos brincantes, mestres de reisado e novas gerações que estão aprendendo sobre a responsabilidade de manter esse brinquedo vivo. Foi um momento riquíssimo e emocionante de troca de experiências entre os mais velhos e as suas sementes.

Na roda estavam presentes o reisado Estrela do Divino do Sitio Cruz, Garanhuns-PE, O reisado do Mestre João Tibúrcio do Sitio Buraco d'água, Garanhuns-PE, o reisado Sementes de Luz de Caruaru-PE e o reisado da Prata do sítio da Várzea do Gado de Lajedo/Calçado-PE. Neste dia, além das conversas e memórias compartilhadas, houve também apresentações dos grupos, momento para grandes trocas de saberes.

O encontro cumpriu seu dever em reacender o espírito da origem desse brinquedo. Que não é só em palcos, mas em terreiros de sítios, sob o clarão da lua. Nesses espaços, nessas possibilidades que se inscrevem através das linhas no corpo, mobiliza a juventude. Fazem dela espaço para se expressam e manifestar as memórias. A juventude se faz semente, que garantirá a herança e permanência da tradição de reisado.

As palavras de Thalia, uma das representantes da juventude naquele dia, diziam sobre seu avô Neco e seu bisavô Dandô, todos dois antigos mestres de reisado do sítio Várzea do Gado em Calçado-PE. Os sons das suas palavras proferidas ensaiam a magnitude do que o reisado ensina e dança no corpo de

quem brinca e admira. Sábias palavras de uma jovem consciente de suas profundas raízes.

O encontro de reisados possibilitou Thalia de ter o seu primeiro contato com a tradição de reisado, pois só ouvia através das narrações dos mais antigos. Agora ela já está devidamente trajada, seu corpo veste saberes através das memórias e do legado de seus antepassados.

Aprender com o fazer dos mestres; acompanhar seus movimentos; perceber os seus sentidos, as suas subjetividades trouxeram ensinamentos as linhas dos nossos corpos. Aprendemos sobre união, sobre disposição, sobre coragem, sobre alegria. Aprendemos com eles a importância de guardar e revelar as memórias, os seus ensinamentos. Os sons dos seus saberes é alimento de vida. Os saberes do reisado são uma possibilidade epistemológica. O som dos corpos dos brincantes conduz memórias, possibilidades.

Referências:

BENJAMIN, Walter. Experiência e Pobreza. In: BENJAMIN, Walter. **O anjo da história**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019a, p. 83-90.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política:** ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras Escolhidas, vol. 1. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 197-221.

BRANDÃO, Theo. **O reisado alagoano**. 2. Ed. Alagoas: Edufal, 2007.

DELEUZE, Gilles; Guattari, Félix. **Mil platôs:** capitalismo e esquizofrenia. Vol. 1. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. São Paulo: Editora 34, 2022.

FREIRE, Paulo**. Pedagogia da Autonomia Saberes necessários à prática educativa**.74. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2019.

FONSECA, Tani Mara Galli; Nascimento, Maria Lívia do; Maraschin, Claeci (orgs.). **Pesquisar na diferença**: um abecedário. Porto Alegre: Sulina, 2012.

GUATTARI, Félix e Rolnik, Suely. **Micropolítica Cartografias do Desejo**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes Ltda, 1996.

LARROSA, Jorge. **Tremores Escritos sobre experiência**.1. ed. São Paulo: Autêntica, 2015.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, v. 19, jan./abr. 2002. DOI:https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003.

MARTINS, Leda Maria. A fina lâmina da palavra. **O eixo e a roda:** v.15, 2007. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/poslit.

MARTINS, Leda Maria**. Afrografias da memória,** o reinado do Rosário no Jatobá. 2. ed. São Paulo – SP. Editora Perspectiva, 2021.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar:** Poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia:** Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulinas, 2020.

PAVÃO, Maria Rita Barbosa Piancó; Carvalho, Mário de Faria. Processos criativos e experiência estética no ensino superior: reflexões sobre a arte como recurso didático para abertura à criticidade e à sensibilidade. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, V. 64, N. 64, p. 1-18, Junho, 2025. Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br

PAVÃO, Maria Rita Barbosa Piancó; FILHO, Luís Massilon da Silva; CARDOSO, Fernando da Silva; CARVALHO, Mário de Faria. Cartografia e imaginário: encruzilhadas teórico metodológicas nos territórios da pesquisa em educação. **Revista Pesquisa Qualitativa**. São Paulo (SP), v.11, n.28, p. 908-927, set./dez. 2023.

ROLNIK, Suely. Cartografia Sentimental Transformações contemporâneas do desejo, 2. reimp.. PASSOS, Eduardo; Kastrup, Virgínia; Escóssia, Liliana da (orgs.). **Pistas do Método da Cartografia Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade.** Porto Alegre – RS, Editora Sulina,2009.

SCHILLER, F. **A educação estética do homem:** numa série de cartas. 10 reimpressão. São Paulo: Iluminuras, 2017.

SORDI, Regina Orgler. **Proust-Deleuze:** do aprendizado da vida ao aprendizado da arte. Arquivos Brasileiros de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), v. 61, n. 3, 2009.

SUASSUNA, Ariano. **Iniciação à Estética**.17. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2023.

Nome do Autor 1: Gabriela Cipriano Guerra
Minibiografia: Gabriela Cipriano Guerra, pernambucana, professora, escritora e pesquisante de reisado. É amante de praças e fins de tarde.
Lattes: http://lattes.cnpq.br/5600636839631635
E-mail: gabriela.cguerra@ufpe.br

Nome do Autor 2: Mário de Faria Carvalho
Minibiografia: Doutor em Sciences Sociales - Université René Descartes - Paris V (2008). Diplôme d'études Approfondies (DEA) em Sciences Sociales - Université de Caen Basse Normandie (2001). Graduação em Design - Ecole d'Architecture de Grenoble (1996) e pela Universidade Federal de Pernambuco (1992). Professor Associado Nível III do Núcleo de Design e Comunicação e Professor Permanente do Programa de Pós-graduação em Educação Contemporânea, ambos da Universidade Federal de Pernambuco / Centro Acadêmico do Agreste. Foi Visiting Researcher no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (2019). Coordenador técnico do Doutorado Interinstitucional em Design em parceria com a Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp-Bauru) e o Núcleo de Design e Comunicação do Centro Acadêmico do Agreste da Universidade Federal de Pernambuco (2009/2013) e coordenador científico do Projeto 'Escola de Criatividade' (2023-2024), ambos com financiamento da Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia de Pernambuco. Líder d'O Imaginário - Grupo de Pesquisas Transdisciplinares sobre Estética, Educação e Cultura (UFPE-CAA/CNPq). Desenvolve estudos sobre Arte, Estética e Interculturalidade na Educação. Membro da Red Iberoamericana de Investigación en Imaginarios y Representaciones. Pesquisador do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas sobre o Imaginário (UFPE/CNPq) e do Grupo de Pesquisa Narrativas Visuais (UFPE-CAA/CNPq). Possui interesse e orienta pesquisas sobre: Estéticas e Corporalidades Dissidentes, Sensibilidades, Subjetividade e Imaginário e Movimentos de Cultura Popular.
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-7071-2586
E-mail: mario.fcarvalho@ufpe.br

GUERRA, Gabriela Cipriano; CARVALHO, Mário de Faria; PAVÃO, Maria Rita Barbosa Piancó. POÉTICAS E LINHAS DO CORPO: UMA CARTOGRAFIA DOS SABERES DO REISADO EM PERNAMBUCO, INSPIRADO NOS SABERES CORPÓREOS DE LEDA MARIA MARTINS. **Anais...** 29º SEMINÁRIO NACIONAL DE ARTES E EDUCAÇÃO da FUNDARTE – ISSN 2359-6120. Editora da FUNDARTE: Montenegro, e1948, Ano 2026.

Nome do Autor 3: Maria Rita Barbosa Piancó Pavão
Minibiografia: Doutora e Mestra em Educação Contemporânea - Universidade Federal de Pernambuco. Especialista em Filosofia e Direitos Humanos - Universidade Cândido Mendes. Licenciada em Pedagogia - Universidade Católica de Brasília. Professora Adjunta da Universidade de Pernambuco, campus Petrolina.
Lattes: http://lattes.cnpq.br/3223248834046836
E-mail: rita.pavao@upe.br

GUERRA, Gabriela Cipriano; CARVALHO, Mário de Faria; PAVÃO, Maria Rita Barbosa Piancó. POÉTICAS E LINHAS DO CORPO: UMA CARTOGRAFIA DOS SABERES DO REISADO EM PERNAMBUCO, INSPIRADO NOS SABERES CORPÓREOS DE LEDA MARIA MARTINS. **Anais...** 29º SEMINÁRIO NACIONAL DE ARTES E EDUCAÇÃO da FUNDARTE – ISSN 2359-6120. Editora da FUNDARTE: Montenegro, e1948, Ano 2026.